

ESTRELAS E CONSTELAÇÕES APRENDIZES DE UM GRUPO PESQUISADOR

Michèle Sato*
Ronaldo Senra**

Na superfície arredondada do planeta se oculta
a curiosidade da percepção humana
(Charles Baudelaire).

Da janela da educação, uma estrela cadente anuncia o desejo de aprendizagem na Terra. No céu escuro, com apenas alguns pontos luzindo, a imaginação deflagra ligando pontos... Nas retas e curvas imaginárias, a lição cósmica pode ser inventada, mas não é mentirosa em afirmar que para além de uma estrela, é o conjunto constelar que torna a abóboda mais significativa e bela.

Num determinado período da civilização, a conduta moral dos sujeitos [DISCIPLINA] tornou-se sinônimo de campo específico do conhecimento. De sua vontade de ser constelação, derivaram diálogos conhecidos pelos nomes de “multidisciplinaridade, interdisciplinaridade ou até transdisciplinaridade”. Palco debatido até a atualidade, o assunto não se esgota, revelando o quão difícil é trabalhar em grupo! Não foi por um acaso que a disciplina como conduta moral virou sinônimo de fragmento do conhecimento, circunscrevendo-se ao sistema escolarizado rígido, no marco de uma educação tradicional. Entretanto, quando pensamos que a educação popular não ocorre por segmentos disciplinares, mas saberes biorregionais de referências variadas, sentimos a necessidade de buscar um outro jeito de diálogo de saberes. Em outras palavras, a arte de uma conversação multirreferencial entre os sujeitos

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação; Universidade Federal de Mato Grosso, Pós-Doutora em Educação, bolsista CNPq michelesato@pq.cnpq.br

** Professor do Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT. Doutorando em Educação – UFMT bolinhasenra@yahoo.com.br

aprendizes que reconhecem a competência de cada qual, que tecidos num mosaico de saberes, trarão um trançado mais substancial e rico, porque é acumulado coletivamente.

Reconhecemos, entretanto, que estas multirreferências podem se entrecruzar num jogo de interesses e poderes que esbarrarão em conflitos, e talvez obstáculos ao sonho grupal de uma aprendizagem significativa em educação ambiental. Ao se travarem no palco da diversidade e diferenças, inevitáveis interferências ocorrem no espaço e tempo de um coletivo dialogante. Mas é no reconhecimento que o caos é apenas parte de uma dinâmica da normalidade harmônica que o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental (GPEA) propõe formar, deformar, transformar e reformar a construção investigativa (Bachelard, 1988).

No marco de um patrimônio investigativo de produções científicas, emaranham-se as figuras estelares dos diversos sujeitos pesquisadores. E é significativamente importante quando o Grupo de Trabalho 22 (GT22) da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPEd) propõe a exposição dos diversos grupos de pesquisa em Educação Ambiental, trazendo à baila a necessidade de debater os diálogos construídos entre as estrelas pedagógicas que compõem a constelação ambiental.

Assumindo a diferença entre um “grupo **de pesquisa**” e um “grupo **pesquisador**”, o GPEA busca transcender o isolamento do pesquisador, valorizando diálogos entre as diferentes estrelas que podem se esconder entre as poeiras e nebulosas, mas também reluzem a céu aberto nos desejos da transparência da ciência. Embasada na Pedagogia de Paulo Freire, o diálogo de saberes perpassa a relação pedagógica e é pressuposto epistemo-praxiológico para o processo de investigação científica.

As multirreferências do grupo pesquisador contribuem para que a educação ambiental se realize pelos olhares fenomenológicos dos sujeitos pesquisadores e pelas aprendizagens coletivas da Sociopoética. Em outras palavras, visa a formação de um grupo pesquisador que não privilegie somente a racionalidade, mas que acolha os sentimentos, a subjetividade e a afetividade na construção e produção do saber. No tecer CONceitos com aFETOS, os CONFETOS ousam conjugar o verbo amar entre ciências e arte, sem temer as possíveis críticas que daí possam advir (Sato et al., 2004). A cultura, afinal, é a esteira que alicerça a Educação Ambiental, e pode ser expressa pela poesia, pelo teatro,

música, desenho, pintura ou cinema.

Quando o conhecimento é vivo, torna-se parte do nosso corpo. A educação acontece quando vemos o mundo como um brinquedo, e brincamos com ele como uma criança brinca com a sua bola. O educador é um mostrador de brinquedos (ALVES, 2008).

A criação é ilimitada e de acordo com as forças disponíveis, o sujeito se reconstrói em cada sentido da pesquisa realizada. Reconhecemos, assim, que a epistemologia não é só uma teoria do saber, mas de como este saber é originado, produzido, reproduzido e, sobremaneira, transformado. No pensar e fazer pesquisa sociopoética, a intervenção coletiva assume a condição e a validação das diversas formas da inteligência: científicas, pedagógicas, técnicas, poéticas ou de resistência.

Na constelação do GPEA, as estrelas brilham nas diversas faces de polígonos coloridos: química, biologia, engenharia ou física, também com a geografia, pedagogia, filosofia, artes, música, teatro, história, direito ou letras. Estrelas de 4, 5, 6 ou mais pontas que se tocam, no arranjo organizacional de formas em simetria investigativa, superando os arranhões e as arestas da assimetria de diferentes pontos de vistas. Colóquios coletivos, pesquisas de campo grupais e solidão da leitura perfazem o cotidiano de uma estrela que se acende e se apaga, no cintilar de um pisca-pisca em constante aprendizagem.

Entre o EU solitário e o NÓS coletivo, o GPEA participa de diversos projetos: (a) de **formação**, com especial ênfase na educação a distância e com a maioria de professores da rede; (b) de **extensão** e convivência comunitária de uma boa educação popular; e (c) essencialmente na aliança destas duas dimensões aliadas ao campo investigativo, oferecendo bons projetos de **pesquisa**. Do local ao global, as parcerias construídas são anéis que fazem inveja ao planeta Saturno, pois a coalizão não é de gelo, senão de boas doses de sinergia que relikam membros do governo e sociedade civil, entre estrelas mais próximas até as mais distantes. Os diálogos são construídos na densa floresta amazônica, na riqueza singular do cerrado e na exuberância do Pantanal, irradiando nas galáxias externas como Canadá, Japão, Indonésia, Cabo Verde, Portugal ou Espanha, entre outros intercâmbios.

Com financiamentos nacionais e estrangeiros, o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental vai se consolidando na educação

popular com as comunidades, especialmente as chamadas vulneráveis do ponto de vista econômico. Entretanto, também atua no sistema escolarizado, percebendo a importância da escola, principalmente nas regiões rurais, e orienta-se pelas invenções dos projetos ambientais escolares e comunitários.

Uma outra característica marcante deste grupo pesquisador é a aliança entre o prazer acadêmico e a paixão da militância. Conjugando política com ciência, em espiral de um campo magnético, é capaz de subir na árvore em protesto contra o desmatamento, na mesma medida que publica artigos qualificados nos padrões internacionais, da rígida avaliação que ora irradia de um buraco negro que suga as energias e sinergias das boas noites de sono. Conjugando sabedoria com táticas de luta, o controle social é um exercício cidadão na pedagogia participativa do GPEA. Uma mobilização social é uma ecologia de resistência contra o **produto instituído** a favor da pequena elite que mantém o *status quo*. É um **processo instituinte** da educação emergente contra as boaventurianas “sociologias das ausências” e que demarca o perfil de uma educação ambiental política e não-neutra.

Membro participante muito ativo da Rede Brasileira de Justiça Ambiental, reconhece que os grupos sociais economicamente desfavorecidos são aqueles mais vulneráveis das consequências dos danos ambientais e, por isso, alia sociedade com natureza na conjugação Zaratustriana de perceber o fenômeno natural não mais como objeto exteriorizado, mas intrínseco ao plano existencial humano zeloso com vidas não-humanas, numa ecologia de água, terra, fogo e ar imbricados na poética pedagógica de uma ecologia de resistência.

Alicerçada essencialmente na Sociopoética e na Fenomenologia, a pesquisa em educação ambiental assumida pelo GPEA quer combater as secas geradas pelas queimadas e desmates que dão consequências às cercas que segregam mundos tão desiguais. No poder econômico de ruralistas e grandes produtores da monocultura, a ecologia de resistência quer bradar contra a fome e desigualdade social geradas pelo acúmulo do capital da minoria.

A pesquisa, assim, circunscreve-se nas três dimensões inseparáveis da filosofia: uma dimensão conceitual e cuidadosamente científica [epistemologia]; a sua aplicabilidade na prática reflexiva [praxiologia]; e finalmente na ética, moral e valores de uma postura ideológica, que para além de ganhar, pejeja para mostrar de que lado se

situa [axiologia].

Na metáfora de um dente de leão, poderíamos considerar que as três dimensões filosóficas da educação ambiental fundamentam-se num solo basilar que constitui-se como um terreno para que as raízes de um dente de leão possa se fixar, enraizando em seus rizomas horizontalizados de múltiplos campos políticos, mas revestidos pela ética e valores dos sujeitos identitários, tanto nos seus desejos pessoais quanto coletivos. Deste solo cresce o caule epistemológico da construção de saberes por multirreferências, numa dinâmica de construção, desconstrução e reconstrução permanente (e não meramente por 10 anos), reconhecendo principalmente a importância dos diálogos dos saberes entre as comunidades científicas e populares. E finalmente, as sementes que, sem saber se irão fecundar em novos ramos, possibilitam o sobrevôo em imaginação e vivência praxiológica, do sentido empírico na pesquisa que demarca o cotidiano de um grupo pesquisador.

O processo educativo se faz presente pela aprendizagem coletiva do "outro" e dos sujeitos envolvidos nos processos de pesquisas, e também na admiração e descoberta do "mundo" pelas viagens de campo. Colóquios de estudos e pesquisas empíricas, deste modo, carregam sempre um maravilhamento coletivo, ainda que mantenha o estranhamento solitário indissociável do processo.

No horizonte narrativo da pesquisa, a educação ambiental percebida, construída e reconstruída busca a ponte que liga os astros cósmicos dos estudos científicos, e por isso, reconhece a importância do pensamento global. Porém está ciente que a ponte que liga o estofado do cosmos alicerça-se no local. As narrativas construídas nestes locais têm temperos de história, valores, fé e mitos que perfazem a etnografia de cada nação, aqui compreendida como porção de um território com paisagens naturais mescladas nas identidades dos sujeitos que ressignificam e recapitulam a filogenia à luz da ontogenia.

Dentro da proposta de uma educação ambiental significativa, a astrofísica do GPEA ilumina o foco em conhecimentos biorregionais, pois estes nos auxiliam na compreensão das vivências empíricas das pesquisas realizadas em comunidades. O Biorregionalismo pondera que não há separação entre "natureza e cultura" e que nas comunidades rurais, "isso tem um impacto direto e absoluto sobre as relações com a biodiversidade e meio ambiente", onde "o que aprendem da natureza é necessariamente inferido para o mundo do

conhecimento” (Sato, 2005, p.38).

O Biorregionalismo surge no movimento de retorno a terra (...) Trata-se de um movimento socioecológico que se interessa numa ética ecocêntrica e centra a educação ambiental no desenvolvimento de uma relação preferencial com o meio local ou regional, no desenvolvimento de um sentimento de pertença a este último e no compromisso em favor da valorização deste meio (SAUVÉ, 2005, p.28).

O Grupo Pesquisador tem buscado a mediação pedagógica entre os saberes universais e locais por meio de produção de textos não acadêmicos, sejam em revistas de circulação midiática nos veículos de comunicação de massa, bem como na produção de fascículos pedagógicos, elaborados de acordo com a realidade das comunidades.

Ao propor os fascículos, o GPEA não quer se eximir de trabalhar formalmente os temas, os conceitos ou os aspectos relevantes da educação ambiental de forma densa. Pelo contrário, a aprendizagem coletiva sociopoética permite que tanto pesquisadores e pesquisados se tornem educadores-educandos. Na construção de sonhos e desejos de que a educação tenha sentido, para além do engessamento conteudístico, a pedagogia adotada transforma-se em um currículo vivo e com significado possível pela relação do EU-TU (BUBER, 1979).

Os territórios de aprendizagens estão dentro de comunidades muitas vezes isoladas, com pouca infraestrutura, com baixos índices educacionais, com degradações ambientais que transcendem o poder de resistência de seus habitantes. Assim, o GPEA e as comunidades, ao dialogarem, se tornam um único Grupo Pesquisador e buscam as táticas de aprendizagens coletivas contra os efeitos nocivos da globalização. Os grupos sociais vulneráveis às injustiças ambientais projetam seus sonhos em horizontes amplos, encontrando nas tradições marxistas e humanistas, a força da ecologia de resistência.

Prefaciado pelo Jean Paul Sartre, o livro “os miseráveis da Terra” debate as violências do mundo no contexto político internacional, fazendo emergir a necessidade de novos arranjos sociais. Na apresentação do livro, Homi Bhabha (2004) contorna a violência social pela temporalidade, afirmando que por vezes temos que quebrar os moldes instituídos, estando ciente de que em outros períodos, nossos próprios arquétipos intuitivos poderão ser arrebatados. O momento do

nascimento de uma estrela enfrenta também a sua própria morte. No universo não-estático do avançar e resistir, o que nos move na ação pela liberdade consiste em lutar para que a colheita não seja confinada numa temporada somente à elite, mas que a esperança seja o horizonte presente para os miseráveis da Terra.

Nos sonhos de um planeta mais inclusivo e ecologicamente mais protegido, a pesquisa realizada no âmbito dos espectros estelares do GPEA não pergunta somente o que aprender, como ensinar, quando dialogar ou com quem educar. Nossa pesquisa indaga também **contra quem** podemos usar a força sinérgica da educação para que a pesquisa construa táticas da ecologia de resistência, essencialmente porque sabe que este planeta é formado pelos territórios construídos com múltiplas identidades: de dominadores e de “miseráveis da Terra”. No limiar deste infinito, o texto se encerra com a estrela cadente, pedindo à Terra e aos seus habitantes, que o espectro cósmico consiga fazer com que a ciência consiga também cumprir sua trajetória de cintilar pela esperança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. O Educador, de alguma forma, é um mostrador de brinquedos. **Revista Educação** – Edição 130 - 02/2008.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1988.

BHABHA, Homi. Foreword: Framing Fanon. In: FANON, F. (Ed.) **The wretched of the Earth**. New York: Grove Press, 2004, p. vii-xli.

BUBER, Martin. **EU e TU** / tradução do alemão, introdução e notas de Newton Aquiles von Zubem. São Paulo, Cortez & Moraes, 2. ed.rev., 1979.

SATO, Michèle. A educação ambiental tecida pelas teorias biorregionais. In: FERRARO, Luiz (Org.) **Encontros e caminhos** - Formação de educadores(as) ambientais e coletivos educadores. Brasília: Diretoria de Educação Ambiental, MMA, 2005, p.35-46

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz A.; ANJOS, Alexandre; GAUTHIER, Jacques. **Jogo de luzes: sombras e cores de uma pesquisa em educação ambiental**. Revista de Educação Pública, v.13, n.23, 31-55, 2004.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: **Educação ambiental: pesquisa e desafios** / organizado por Michèle Sato e Isabel Cristina Moura Carvalho. – Porto Alegre: Artmed, 2005.p.17-44.

